

# Redes de colaboração: alguns elementos para análise e reflexão

JOSÉ BORBINHA

## R E S U M O

As redes de colaboração são estruturas envolvendo vários actores que se coordenam para atingir objectivos comuns através da conjugação dos respectivos esforços. O objectivo deste artigo é o de propor alguns elementos para reflexão sobre o tema, associados a exemplos concretos de casos. Propõe-se assim um exercício de análise e desenvolvimento de algumas reflexões sobre o tema, assumindo para tal a perspectiva das bibliotecas, arquivos e entidades relacionadas.

## A B S T R A C T

Collaborative networks are structures involving multiple actors with the purpose to coordinate efforts to pursue common objectives, to be reached by common efforts. This paper proposes presents a discussion about this subject, relating it with specific and real cases. It is proposed and analysis process, assuming the perspective of the libraries, archives and related entities.

## PALAVRAS-CHAVE

REDES DE COLABORAÇÃO

REDES HORIZONTAIS

REDES VERTICAIS

INTEROPERABILIDADE

## INTRODUÇÃO

Ainda que não seja totalmente correcto afirmar ser o tema das “redes” um assunto completamente novo, a verdade é que se constata ter o mesmo recebido atenções especiais nos tempos recentes. De tal modo que talvez não seja demasiado afirmar estarmos perante um risco de exagero na sua especulação, tal a proliferação de redes e de iniciativas relacionadas, nem sempre acabando por corresponder com resultados convincentes! Neste contexto, propõe-se neste artigo um exercício de análise e desenvolvimento de algumas reflexões sobre o tema, assumindo para tal a perspectiva das bibliotecas, arquivos e entidades relacionadas.

Como consequência talvez da deficiência profissional do autor, detecta-se na ênfase da discussão que se segue e em todos os casos de redes referidos algum tipo de relação com a tecnologia informática. Tal não é encarado como motivo de preocupação pois, em vez de limitativa, essa tecnologia é hoje em dia aquilo que permite realmente um funcionamento eficaz e eficiente das redes de cariz profissional, seja qual for a sua natureza e os seus objectivos. Isso porque, sendo uma rede essencialmente um meio de criação e troca de informação, é natural que as chamadas “tecnologias da informação” desempenhem aí um papel central, especialmente quando nos posicionamos na perspectiva declarada.

O objectivo deste artigo será assim o de propor à comunidade alguns elementos para reflexão sobre o tema, associados a exemplos concretos de casos de redes (com preferência para casos concretos com os quais o autor tenha tido algum tipo de contacto ou envolvimento directo).

## DEFINIÇÕES

Antes de tudo, devemos dedicar algumas palavras ao significado do conceito de “rede”.

Independentemente de outras abordagens possíveis, assumimos que estamos falando de “redes de colaboração”, isto é, de estruturas envolvendo vários actores que se coordenam para atingir objectivos comuns através da conjugação dos respectivos esforços. Podemos ainda definir que esses objectivos podem estar relacionados, exclusivamente ou de forma complementar, com alvos:

- Materiais (a construção e manutenção de algo em concreto como um serviço, uma infra-estrutura, etc.);
- Imateriais (a definição de conceitos e o desenvolvimento comum de regras e processos de trabalho, por exemplo);

- Estratégicos (concertação colectiva visando promover certos temas, assuntos, áreas, decisões, etc.).

Os dois primeiros casos remetem para cenários internos ou de simbiose dessas redes com o seu exterior, enquanto que o terceiro caso será talvez mais representativo de cenários de impacto para o exterior. Num ponto de vista temporal, qualquer dos casos pode corresponder a cenários de curto, médio ou longo prazo.

Esta reflexão leva-nos a identificar alguns parâmetros importantes quando queremos definir ou avaliar uma rede:

- Objectivos da rede;
- Natureza dos membros da rede;
- Abrangência desses membros perante todo o seu universo possível;
- Motivação dos membros para a rede;
- Resultados esperados da rede;
- Duração da vida da rede.

Se nos concentrarmos um pouco nos primeiros cinco pontos desta lista, somos levados ainda a tentar equacionar um outro parâmetro, relacionado com o plano da rede. Podemos assim vir ainda a definir as redes como horizontais ou verticais, segundo as definições seguintes:

- Uma rede pode ser definida como sendo horizontal se tiver um universo homogéneo de membros e como objectivos temas e resultados dentro do espaço de acção restrito dos mesmos;
- Em contrapartida, podemos usar a designação de rede vertical para aquelas que se destinem a um universo heterogéneo de membros, visando objectivos e produzindo resultados em que esse tipo de associação se mostre relevante.

Na posse destas definições, que nos permitem determinar um espaço de classificação razoável, vamos agora apresentar alguns exemplos, ilustrativos de casos concretos. O objectivo não é o de ser exaustivo, mas antes apresentar uma gama diferenciada de casos complementares.

## CASOS NACIONAIS

Numa perspectiva nacional há alguns exemplos relevantes de redes horizontais que poderemos usar como referência para a nossa discussão:

- A PORBASE<sup>1</sup> é uma rede nacional, aberta a todas as bibliotecas, tendo como

objectivo a manutenção da Base Nacional de Dados Bibliográficos. Esta rede possui actualmente mais de 150 cooperantes, representando um leque alargado de bibliotecas (públicas, escolares, universitárias, privadas, etc.), sendo coordenada pela Biblioteca Nacional. O resultado desta rede é assim a manutenção de um recurso público (registando a bibliografia nacional e as existências das bibliotecas cooperantes), tendo para o efeito associada uma actividade de normalização, de formação e de apoio técnico e tecnológico relacionados. A rede de cooperação PORBASE tem assim alvos materiais e imateriais, um âmbito generalizado a todas as bibliotecas (as quais têm como motivação acrescentada, para além de figurarem na base de dados colectiva, a cooperação técnica e tecnológica), e uma duração não determinada.

- Igualmente no espaço das bibliotecas temos a referir o caso especial da RNBP – Rede Nacional de Bibliotecas Públicas<sup>2</sup>, a qual tem como objectivos o fomento da criação e desenvolvimento de bibliotecas públicas, o estímulo do gosto pela leitura, e o desenvolvimento de actividades de animação cultural. Aberta potencialmente a todas as bibliotecas públicas, esta rede é coordenada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Estamos assim perante uma rede de características muito próprias, com objectivos alargados mas relacionados com um universo concreto e restrito de membros potenciais, cuja motivação principal são aparentemente os apoios que dessa forma poderão vir a receber da entidade coordenadora. A duração não é determinada, mas é condicionada à política da entidade coordenadora.

- Um outro exemplo de uma rede nacional envolvendo bibliotecas será o da RUBI<sup>3</sup> – Rede Universitária de Bibliotecas e Informação. Esta rede teve uma actividade preparatória de realce até 1999, tendo na prática parado a partir dessa altura, sem alguma consequência concreta digna de realce. Destinada ao universo das bibliotecas universitárias nacionais, definiu como objectivos promover a divulgação da produção científico e técnica nacional, promover a aquisição de serviços ou recursos e incentivar a utilização de meios tecnológicos avançados nas bibliotecas universitárias. Um pouco à semelhança do caso anterior, estamos perante uma rede com objectivos alargados mas relacionados com um universo concreto e restrito de membros potenciais. Ao contrário dos casos anteriores, onde há papéis especiais destinados a entidades coordenadoras, as quais de alguma forma assumem os objectivos e contribuem de forma especial para os resultados, neste tipo de casos esses estão condicionados ao envolvimento e cooperação

eficaz dos membros. Numa perspectiva analítica, pode-se dizer que esta rede pretendeu assim visar alvos materiais e imateriais, com alguma atenção ainda a alvos estratégicos.

- Relativamente ao espaço dos museus, e embora sem existência formal enquanto rede, deve-se referir ainda o caso nacional dos museus tutelados pelo Instituto Português de Museus e do resultado da sua inventariação oferecido através da MatrizNet<sup>4</sup>. Este serviço oferece acesso a descrições de colecções e existências de 28 entidades. A rede de suporte a este recurso tem assim alvo essencialmente material, no âmbito definido aos museus em causa (os quais têm aparentemente como motivação principal figurarem na base de dados colectiva), e uma duração não determinada.

- Casos Internacionais

Numa perspectiva internacional, temos também algumas redes relevantes:

- A rede NDLTD<sup>5</sup> – Networked Digital Library of Thesis and Dissertations, é uma iniciativa de cooperação internacional com o objectivo de promover a criação, divulgação e acesso a teses e dissertações em formato digital. A rede é aberta a qualquer organização interessada no tema, sendo no entanto destinada essencialmente a universidades ou estruturas nacionais. Conta com um número crescente de membros (202 membros no início de Abril de 2004, entre os quais a Biblioteca Nacional), os quais mantêm um catálogo colectivo de teses e dissertações. Outros objectivos são a divulgação de boas práticas e recomendações relacionadas com a criação e descrição de teses, assim como a sensibilização das empresas produtoras de soluções informáticas para os géneros de recurso específico que representam as teses e dissertações (focando aspectos tais como a criação de metadados descritivos e estruturais, a preservação, etc.). A rede de cooperação NDLTD tem assim alvos materiais, imateriais e estratégicos, um âmbito generalizado, e uma duração não determinada. Dados os seus objectivos, podemos considerar esta rede como sendo essencialmente horizontal.

- A rede DELOS<sup>6</sup> é uma rede de excelência para as bibliotecas digitais. Esta rede corresponde na realidade a uma iniciativa de investigação regularmente apoiada pela Comissão Europeia, visando essencialmente alvos imateriais e estratégicos. A participação na rede é restrita a membros convidados, os quais apesar de representarem um grupo heterogéneo acabam por restringir a sua atenção

e interesse a temáticas de natureza essencialmente tecnológica. A motivação dos participantes é essencialmente a de, por este meio, tentar influenciar a agenda de investigação e desenvolvimento europeia com os seus temas preferidos. Esta rede tem sido reactivada por fases, segundo os programas de apoio da Comissão Europeia, tendo neste momento uma duração assegurada até pelo menos 2007. Numa perspectiva liberal podemos considerar esta rede como sendo potencialmente vertical, embora o âmbito real das actividades desenvolvidas acabem por ter vindo a definir uma realidade essencialmente vertical, em torno de aspectos tecnológicos.

- Uma outra estrutura que poderemos associar ao conceito de rede é a CENL<sup>7</sup> – Conference of European National Librarians. O que nos vai interessar não é no entanto esta entidade em concreto, mas um resultado parcial das suas actividades, concretizado no serviço TEL<sup>8</sup> – The European Library. Estamos neste caso perante um grupo de bibliotecas nacionais que, em resultado de um projecto apoiado pela Comissão Europeia, decidiram levar para diante a construção de um portal comum, destinado a oferecer serviços de descrição e apresentação dos respectivos promotores<sup>9</sup>, de pesquisa bibliográfica e de acesso a obras digitais ou digitalizadas. A participação nesta rede, embora restrito no início apenas às bibliotecas promotoras, está potencialmente aberta a todas as bibliotecas nacionais europeias. Os objectivos da rede são assim essencialmente materiais, visando a operacionalidade do portal, sendo a motivação dos participantes promover a sua visibilidade própria. A sua duração é neste momento não determinada, sendo o seu plano claramente horizontal.

- A rede MINERVA<sup>10</sup> corresponde na realidade a dois projectos europeus complementares (MINERVA e MINERVAPLUS), agrupando os países membros da Comunidade Europeia e ainda a Rússia e Israel, todos eles representados por instituições ligadas aos respectivos ministérios da cultura ou equivalentes (Portugal é representado pela Secretaria-Geral do Ministério da Cultura e ainda pela Biblioteca Nacional). O objectivo é essencialmente imaterial, visando a promoção da troca de experiências nacionais na área da digitalização de recursos culturais, incentivando boas práticas relativamente aos procedimentos, opções técnicas e metadados. A rede tem ainda um alvo estratégico, visando promover o tema da digitalização de recursos culturais nas agendas da Comissão Europeia. A duração desta rede, claramente horizontal, está assegurada pelo menos até 2006, não sendo claro se terá continuidade.

- Finalmente, é de referir o caso da rede desenvolvida em torno dos projectos MALVINE<sup>11</sup> e LEAF<sup>12</sup>. O LEAF – Linking and Exchange Authority Files é um projecto europeu desenvolvido na sequência de um outro anterior, MALVINE, contando com o envolvimento de bibliotecas e arquivos europeus. O objectivo inicial foi a construção de um portal de pesquisa de informação descritiva sobre colecções de manuscritos contemporâneos, estendido actualmente ao âmbito das descrições dos autores enquanto autoridades. Embora de participação actual restrita (reservada aos parceiros do projecto), está prevista no futuro uma participação alargada a todas as bibliotecas e arquivos que o pretendam. Pode-se considerar esta iniciativa, com um alvo essencialmente material, como uma rede vertical. Ao envolver diferentes tipos de participantes e visar objectivos complementares (embora dentro de um contexto específico), esta rede tem abordado novos problemas técnicos, tecnológicos e organizacionais, o que a tem mantido debaixo de alguma curiosidade internacional. A aceitação dos resultados finais é no entanto ainda uma incógnita. O seu sucesso poderá fazer prolongar a duração desta rede para além de meados de 2004, altura para a qual está previsto o fim da fase actual.

## ANÁLISE

Uma primeira conclusão que podemos apontar desde já é a de que, apesar do espaço de opções limitado que a nós próprios impusemos, não foi muito difícil apresentar um leque alargado de casos relevantes em várias perspectivas, seja pela dimensão da rede, formas de participação e coordenação, seja pelos tipos de objectivos e resultados, e mesmo graus de sucesso ou insucesso.

Tentando tirar lições concretas do leque de redes apresentado, e tomando como guia o modelo proposto no ponto “Definições”, podemos sublinhar alguns aspectos interessantes, como os que adiante propomos. Para estas considerações serão levados em conta não só os exemplos apresentados atrás, mas também elementos complementares relacionados com a experiência própria do autor.

### Objectivos, abrangência da participação

Os casos apresentados mostram ser eficaz promover e participar em redes tendo como objectivos tanto alvos materiais como imateriais ou estratégicos. Esta afirmação pode levar a comentar não ser por isso talvez relevante considerar este tipo de classificação, mas tal não é correcto.

Um exemplo concreto onde a percepção clara deste tipo de análise se mostrou muito relevante foi, por exemplo, o caso da rede DELOS. Esta rede nasceu inicialmente com objectivos claramente materiais, visando o desenvolvimento de tecnologia e serviços de produção, pesquisa e acesso a conteúdos digitais de natureza científica. O propósito era o desenvolvimento de redes europeias de recursos apoiadas por laboratórios de investigação nas áreas de informática. Rapidamente tal se mostrou, no entanto, extremamente complexo de conseguir. Verificou-se o desenvolvimento de alguns exemplos de sucesso (tal como no caso da ETRDL<sup>13</sup> – ERCIM Technical Reference Digital Library, onde inicialmente o INESC representou Portugal), mas esses não só não se multiplicaram como foram sempre de abrangência limitada devido à diferente capacidade de participação de cada um dos potenciais membros. Este problema não será muito diferente do da PORBASE, por exemplo, mas ao contrário do caso do DELOS, funcionando tradicionalmente com prazos curtos, associados às fases de financiamento, na PORBASE os prazos não são tão relevantes!

Em face da experiência adquirida, a rede DELOS decidiu progressivamente alterar com sucesso o seu alvo para objectivos estratégicos. Tal levou ao estabelecimento de um novo entendimento com a Comissão Europeia, o que deu origem à transição efectiva da iniciativa de um modelo de projecto de investigação e desenvolvimento para o modelo de rede de excelência, e a partir daí ao desenvolvimento de acções de concertação com outras entidades, tais como a NSF – National Science Foundation dos Estados Unidos (o caso de sucesso da rede DELOS terá sido mesmo um dos exemplos apontados pela Comissão Europeia para a generalização do modelo das redes de excelência no actual 6.º Programa Quadro de financiamento à investigação na Europa).

### Objectivos e prazos

Outra conclusão a tirar será a de que redes visando objectivos materiais e com prazos limitados não são compatíveis com participações desequilibradas dos seus membros. Mais uma vez esta afirmação pode parecer óbvia, mas é um facto que nem sempre ela é perfeitamente entendida. Pelo facto de não terem incorporado isso claramente nas suas análises iniciais, as redes TEL e LEAF têm estado lutando dramaticamente para manter as respectivas viabilidades. É de esperar que os obstáculos venham a ser ultrapassados na rede

TEL, mercê do empenhamento claro dos parceiros, mas já não é tão claro que o mesmo venha a ser possível no caso do LEAF, independentemente dos interessantes resultados técnicos já obtidos.

Numa perspectiva de análise que leve ainda em consideração objectivos e prazos, temos o caso paradigmático da RUBI. Sendo uma rede que detinha à partida tudo o que parecia necessário para se vir a constituir como um sucesso (objectivos bem identificados, participação uniforme e abrangente), é aparentemente um mistério a indefinição em que a mesma se viu envolvida. Numa segunda leitura, talvez possamos concluir que afinal tal se terá ficado a dever a dois factores muito simples e consecutivos: o facto primeiro de, logo após o final da primeira fase de trabalhos, muitas bibliotecas terem entretanto encontrado formas de solucionar por si alguns dos problemas que a rede era suposto ajudar a resolver (nomeadamente a informatização dos catálogos e a subscrição de serviços em consórcio) terá levado a um desinteresse na rede, o que acabou por provocar um abrandamento consequente das motivações e lideranças, o facto segundo. Daí até ao “esquecimento” terá sido apenas um passo!

### Motivação e liderança

Na perspectiva das motivações e liderança podemos sublinhar os casos da PORBASE, RNBP e MatrizNet. Estes são claramente casos em que uma entidade específica assume uma liderança clara, tomando assim nas suas mãos a promoção da rede. É claramente um modelo de sucesso, mas de aplicabilidade limitada, sendo viável talvez apenas em casos de objectivos alvo materiais (como são os três casos referidos). Não é seguro que o modelo venha a ter sucesso garantido em casos de objectivos imateriais ou estratégicos onde a capacidade de concertação de interesses, por vezes à partida opostos, é um requisito fundamental.

### Redes horizontais e redes verticais

As redes verticais correspondem essencialmente a um novo espaço de oportunidades. É por isso difícil apresentar casos relevantes, especialmente nacionais. Ainda assim, apresentámos alguns exemplos internacionais, embora nenhum deles de duração claramente persistente já assegurada.

Um caso potencial de uma rede vertical poderia ser, por exemplo, uma colaboração das redes da PORBASE e da MatrizNet (restringindo as hipóteses

apenas aos casos aqui abordados) com um ou mais portais como por exemplo o SAPO<sup>14</sup>, o IOL<sup>15</sup> ou o UNIVERSIA<sup>16</sup>. Poderíamos conceber assim um cenário hipotético em que esses portais poderiam passar a integrar a PORBASE e o MatrizNet como fontes de informação, usando tecnologia já relativamente comum ou emergente como por exemplo Z39.50<sup>17</sup>, SRW<sup>18</sup>, OAI-PMH<sup>19</sup>, RSS<sup>20</sup>, ATOM<sup>21</sup>, etc.

Redes verticais desta natureza poderiam ser ainda abertas a outras entidades, tais como os arquivos, promovendo novos serviços e novas estratégias de levar os recursos de natureza cultural até mais próximo dos seus consumidores potenciais<sup>22</sup>.

## NOTAS FINAIS

Apesar do âmbito relativamente limitado da discussão levada aqui a cabo, podemos constatar ser a temática das redes extremamente relevante para as bibliotecas, arquivos e museus. Poderíamos ter conduzido esta discussão noutras perspectivas, com outros casos e exemplos, e quase de certeza absoluta que facilmente iríamos identificar outros temas igualmente interessantes. Tal demonstra o enorme potencial que este tipo de estruturas representa, as quais infelizmente tardam em se assumir de uma vez por todas como os principais actores, colocados logo atrás da tecnologia, para a emergente e tão badalada Web Semântica<sup>23</sup>.

Este desafio é especialmente relevante para as instituições patrimoniais, as quais para além do dever de promoverem as redes horizontais das suas áreas de intervenção directas (PORBASE, MatrizNet, redes de arquivos, etc.), deverão agora prestar atenção aos novos desafios verticais, promovendo ou participando em novas redes, com novos objectivos. Para isso são necessárias, no entanto, novas mentalidades, não só ao nível das decisões formais mas também aos níveis técnicos. De facto, enquanto o sucesso das redes horizontais assenta muitas vezes na uniformização com sucesso dos processos e técnicas (discutidas e definidas em redes imateriais e demonstradas em redes materiais), nas novas redes verticais a tentação para a imposição desses modelos pode ser desastrosa. Sendo por definição espaços de integração de âmbitos heterogêneos, as redes verticais necessitam de assentar em compromissos, que nalguns casos podem implicar cedências, mas noutros podem significar simplesmente a definição de denominadores comuns mínimos. Mas, tanto num caso como noutro, é preciso entender que para lá se chegar

será sempre necessário, para além da competência necessária, ainda visão, vontade e capacidade de adaptação. Independentemente de todas as outras condições possíveis de aplicar em cada caso concreto, há que ter como certeza serem pelo menos estas as condições mínimas necessárias para o sucesso de qualquer rede!

## NOTAS

<sup>1</sup> <http://www.porbase.org>

<sup>2</sup> <http://www.iplb.pt/redes/redes.html>

<sup>3</sup> <http://rubi.doc.ua.pt>

<sup>4</sup> <http://www.matriznet.ipmuseus.pt>

<sup>5</sup> <http://www.ndltd.org>

<sup>6</sup> <http://www.delos-noe.org>

<sup>7</sup> [http://www.kb.nl/gabriel/about\\_cenl/general/](http://www.kb.nl/gabriel/about_cenl/general/)

<sup>8</sup> <http://www.europeanlibrary.org>

<sup>9</sup> Neste contexto, o serviço TEL deverá vir a integrar a informação actualmente disponível no serviço GABRIEL (<http://www.kb.nl/gabriel/>)

<sup>10</sup> <http://www.minervaeurope.org>

<sup>11</sup> <http://www.malvine.org/>

<sup>12</sup> <http://www.leaf-eu.org>

<sup>13</sup> <http://etrdl.isti.cnr.it>

<sup>14</sup> <http://www.sapo.pt>

<sup>15</sup> <http://www.iol.pt>

<sup>16</sup> <http://www.universia.pt>

<sup>17</sup> <http://www.loc.gov/z3950/agency/>

<sup>18</sup> <http://lcweb.loc.gov/z3950/agency/zing/srw/>

<sup>19</sup> <http://www.openarchives.org>

<sup>20</sup> RSS 1.0: <http://web.resource.org/rss/1.0/>;  
RSS 2.0: <http://blogs.law.harvard.edu/tech/rss>

<sup>21</sup> <http://www.atomenabled.org>

<sup>22</sup> Quando e se esse momento chegar, podemos afirmar que, como resultado do investimento estratégico da Biblioteca Nacional e das suas experiências recentes nestas áreas, pelo menos a PORBASE estará disponível para isso (e ainda disponível para prestar toda a assistência que se venha a mostrar necessária e relevante).

<sup>23</sup> <http://www.w3.org/2001/sw/>